



# Universidade: presente!

**UFRGS**  
PROPEAQ



## XXXI SIC

21. 25. OUTUBRO • CAMPUS DO VALE

<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2019: SIC - XXXI SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2019
<b>Local</b>	Campus do Vale - UFRGS
<b>Título</b>	O Idealismo Transcendental no Quarto Paralogismo da primeira edição da Crítica da Razão Pura
<b>Autor</b>	BRENO AUGUSTO DA SILVA FRANCO
<b>Orientador</b>	SILVIA ALTMANN

## RESUMO

**Autor:** Breno Augusto da Silva Franco

**Orientador:** Silvia Altmann

**Instituição:** UFRGS

### **O Idealismo Transcendental no Quarto Paralogismo da primeira edição da *Crítica da Razão Pura* de Kant**

No controverso Quarto Paralogismo (QP) da primeira edição da *Crítica da Razão Pura* (CRP), Kant pretende oferecer uma crítica àquilo que ele chama de idealismo “cético” ou “problemático”. Trata-se, fundamentalmente, da tese de que não é possível conhecer com certeza a existência de corpos; e, na formulação silogística que Kant lhe dá nessa seção da CRP, a razão que leva o idealista a essa conclusão é a assunção de que objetos externos *não* são objetos imediatos de percepção, junto à tese geral de que apenas a percepção imediata é capaz de fornecer certeza quanto à existência de qualquer coisa. Na tentativa de criticar essa posição, Kant traça uma distinção, fundada no seu idealismo transcendental, entre dois sentidos de “externo”, e argumenta que, no sentido em que os corpos são objetos externos, eles *são* objetos de percepção imediata e a sua existência *é*, portanto, conhecida com certeza.

Todavia, o modo como Kant parece empregar essa distinção na crítica ao idealista problemático parece comprometê-lo com uma compreensão reducionista, fenomenista, dos objetos externos. O objetivo deste trabalho de Iniciação Científica foi investigar, com base na leitura do texto kantiano e com apoio da literatura secundária, se é possível entender a estratégia argumentativa do QP sem atribuir a Kant uma redução dos corpos a entidades mentais. Até o término da pesquisa, tinham sido examinadas algumas alternativas de interpretação que pretendem oferecer uma compreensão não-reducionista da estratégia do QP. Lucy Allais (2015) e Graham Bird (2006), em particular, argumentam que a distinção que Kant traça, no QP, entre dois sentidos de “fora de nós” é a chave para a solução do problema. Algo pode estar “fora de nós” ou por ser uma coisa em si mesma, ou por estar no espaço, como objeto dos sentidos externos; paralelamente, algo pode estar “em nós” ou por não ser uma coisa em si mesma, mas uma mera aparição, ou por estar na mente individual, sendo um objeto do sentido interno. O primeiro sentido de “fora de nós” e de “em nós” é o que Kant chama de *transcendental*; o segundo, ele chama de *empírico*. Se, argumentam esses autores, a crítica ao QP consiste em tomar os objetos como *transcendentalmente* internos, mas como *empiricamente* externos, então não é a intenção de Kant reduzir os corpos a objetos mentais num sentido reducionista ou fenomenista. Essa distinção demandaria, assim, que tentássemos dar à internalidade *transcendental* um sentido que não implique que um objeto, por transcendentalmente interno, é apenas uma representação na mente do sujeito. Essa estratégia, contudo, parece não solucionar alguns problemas importantes. O principal deles é que Kant associa à internalidade transcendental a certeza com relação à existência, e chega mesmo a equiparar a certeza da existência de corpos à certeza da existência “de mim mesmo como sujeito pensante” (A370).